

Antes que ele venha de novo, sorrateiro como um gato com seu passo de afagos, antes que ele venha como uma aparição teatral e grite e levante os braços no papel de feiticeiro da tribo africana antropófaga, antes que ele venha vestido de palha ou de raio de lua, antes que ele venha tímido ou metamorfoseado em búfalo, antes que ele venha pesado, hóstia no momento da consagração, olhar enevoado de freira velha, em estado de graça ou de coma, as mãos muito brancas que podem estar crispadas ou não, antes que ele venha é preciso pensar em todas as hipóteses e armar soluções como saída.

É preciso vigiar, dormir com um dos olhos sempre aberto e estar atenta às ações e reações dele, porque nunca se sabe direito como é que ele vem, se microscópico ou infinito, se pela esquerda, se de cima, se vem feio ou bonito, além disto, nunca se sabe o que ele quer e pode ser sopa de sabão com macarrão, mas eu já nem me assusto, porque conheço já tão bem este desconhecido, quase tão bem quanto vocês.

Antes que ele venha mais uma vez e roube esta folha por considerá-la imprópria (Papai! você não tem o...) eu escrevo na madrugada e publico na primeira página do dia, sob forma de segredo.

REI MIDAS

A laranja no copo, o sol na montanha do amadurecer. Quem transforma o que quer que seja em ouro é o tempo. As mãos do instante abençoam o fruto e a semente está isenta de qualquer taxa do futuro. Aqui é a hora. Aqui e agora.

Ontem:

Sedentas, solitárias, aflitas, desnorteadas, as aves da minha história atravessavam desertos em direção a qualquer primavera.

Amanhã:

Vamos misturar o centro de tudo. Juntar algodão e veludo no mesmo tecido. Vestir a alma que também somos. Uma estátua treme no frio da madrugada. (Deus, me dê sua mão inoxidável!)

Hoje:

Escrever um imaginado passado.
Tecer fantasias sobre um futuro duvidoso.
Era uma vez três vezes.
Tantas são as vezes que.

Você:

Príncipe ou princesa de algures jura por alturas terrenas, Everest e Pacífico. Posso entrever os seus olhos de espelho. Um castelo de nuvens sobre os dias que só me permitem imaginar. Incêndios na torre de cristal carmim.

Nós:

Norte, sul, leste, oeste, zênite e outros milhares de direções, nominadas ou não. Consciência três, inconsciência um, subconsciência dois. Nós quatro e nós três. Igual a sete. Nós, matemática, física, cabala, filosofia, símbolos e corpos celestes. Construimos com nossas próprias mãos a ponte movediça que levantaremos contra o nosso próprio ataque a nossa solidão. Morreremos de fome e de sede, assentados sobre o poço de provisões.

